

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--13 de Junho--1929

**4.º ANO**

gr. **STOIS**  
anelo, **PARIS**



Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**1600**

sempre  
**fixe**

semanalmente  
fumoístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA FOSA, 57

# CLAUDE FARRERE



Teo grande na falto como na «Batalla», o brilhantissimo romancista brindou-nos o espirito com a sua maravilhosa conferencia «O genio de Loti», a que acrescentaremos «pelo genio de Farrère».





## Os ditos da semana



**Santo Antonio** Santo Antonio Ca samenteiro tem hoje o seu dia. Em homenagem ao taumaturgo concertam-se as bilhas rachadas e partem-se as que estiverem inteiras e em bom uzo. Quem tiver uma bilha rachada agarra-se ao santo e, com duas orações, lá consegue que o santo lhe deite um gato e a bilha fique como nova, capaz de servir outra vez. Se a bilha estiver inteira, é leva-la aos bailaricos, é mete-la na roda, faz-la andar num rodopio até arrombar.

Santo Antonio gosta assim. Já no tempo em que andava pelo mundo se comprazia em aparecer pelas fontes sempre pronto a operar o milagre ás raparigas. E por tão boas obras, por tantos milagres de assombrar nunca ninguém se lembrou de lhe dar nada, nem de pedir nada para ele, como a petizada de agora, numa lamentavel confusão entre o Santo Antonio e um par de botas novas.

—Meu senhor, dê meio tostão para o Santo Antonio, dê, dê, dê...

E se a gente não dá continua o peditório e a lamuria.

—Dê ande lá, dê, dê, dê, dê.

E a cega-rega continua monotonamente e interminavelmente a todas as esquinas.

—Mas para que queres tu meio tostão?

—É para umas botas?

—Para o Santo Antonio?

—Não, meu senhor, as botas são para mim.

Assim se rouba o taumaturgo.

**Eleições inglesas** Ao contrario dos desejos de muito boa gente, os trabalhistas venceram as eleições em Inglaterra. Venceram porque ha uma consciencia nacional que se manifesta á boca das urnas, sem carneiro com batatas.

Pensa cada um pela sua cabeça. Vota cada um pela sua cabeça.

E tanto assim é que um filho de Baldwin, chefe do partido conservador, foi eleito pelos trabalhistas.

Causa isto um certo espanto porque, apesar de pertencerem a partidos diferentes, não costumam insultar-se mutuamente.

Tambem em Portugal, no tempo da monarchia, houve um caso semelhante.

Um pai progressista, um filho regenerador e outro iraquista sobrando ainda um fi-

lho que não era politico, e cuja missão consistia em apoiar os governos de concentração ou extra-partidarios, para que a familia nunca estivesse desapamrada.

Era uma familia politicamente esquartejada, mas uma familia feliz.

**O bosque** Resolveu a Camara Municipal arborisar a Serra de Monsanto. E' bem certo que num lugar se põe o ramo e noutro se vende o vinho. O parque da cidade é ao alto da Avenida, mas as arvores platam-se em Monsanto, talvez para evitar que a sua ramagem prejudique a perspectiva do Parque.

A primeira vista parece que não está bem, mas passando melhor, facilmente se encontra a logica das coisas.

As arvores de Monsanto, o bosque de Monsanto, como já lhe chamam tem uma função a cumprir—uma função meteorologia. «Servirá para regularisar a queda das chuvas e para impedir os ventos que assolam Lisboa.

Lisboa será, daqui para o

futuro, um verdadeiro paraíso. Vento e chuva por conta e medida.

Quando as batatas pedirem chuva, choverá. Quando fôr necessario bom tempo, fará bom tempo. E assim os dias de feriado Nacional, que metam parada, cortejo, gente nas ruas serão dias de bom tempo, dias de sol claro, daquele sol que nós temos para fazer inveja aos ingleses.

Para que tudo corra bem, mandou a Camara pôr um contador de agua nas nuvens e encarregou o sr. Carlos Pereira de o manejar. Escusado será dizer que em o sr. Carlos Pereira aparecendo as nuvens ficarão mais sequiuihas do que um torresmo e os contadores recolherão a agua ao bucho. Depois, estes ventos horriveis que tornam Lisboa a terra da poeira, desaparecerão. As arvores de Monsanto, armadas em forma de biombo, não deixarão passar nem a brisa amena de que falavam os poetas. Dir-se-hia que a Camara, em vez de proceder a uma plantação de pinheiros e eucaliptos, vae construir um tapume.

No Parque Eduardo VII

## SANTOS POPULARES



**S. ANTONIO**

manter-se-ha o mesmo escal-racho. Quem tem lago não precisa de arvoredo.

E se o exemplo pegar tambem nós queremos concorrer para o embelazamento e prosperidade do paiz. E assim vamos plantar duas duzias de nespereiras no nosso quintal para regularisar a queda de chuvas no Alemtejo.

**Lá veem eles** No espaço de 21 horas largaram de New-York quinze transatlanticos carregados de americanos que vão visitar as exposições espanholas.

Dentre eles alguns virão por Lisboa, nem de outra maneira se compreendia que se tivesse caído o Terreiro do Paço. Passarão por aqui como gato por cima de braças, levando na alma a vaga recordação dum clima adoravel e na bolsa os dollars que lhes custaram a ganhar.

E só quando eles tiverem regressado á America e quando a exposição estiver encerrada é que nós começaremos a compreender que as exposições foram em Espanha e que a unica coisa que ganhamos com elas foi terem servido de pretexto para que a gente lavasse as frontarias.

4.000.000 de americanos! Pful... Se calhar nem tantos ha na America em bom estado de exportação.

**Claude Farrère** Claude Farrère veiu a Lisboa falar sobre Lotti e os romancistas portuguezes morderam-se de idveja porque ainda não foi ninguem lá fóra falar deles. Efectivamente não é costume da literatura portugueza mandar os seus embaixadores ao estrangeiro e é pena, porque talvez se lhes arranjasse lá fóra os leitores que não teem cá dentro.

**Donostiaras** Aquele medico do Entroncamento emulo de Asuero, é verdadeiramente um portento.

Conseguiu ser diferente, não só de os medicos de todo o mundo como de toda a gente.

O seu processo consiste em pôr bolinhas nos unhas, ao contrario de toda a gente que tira bolinhas do dito.

Ora bolas!



# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

**ADELINA FERNANDES**

UMA das peças a subir á scena pela companhia que vai explorar o T. do G. intitula-se «A velha que ia todas as manhãs á Praça da Figueira».

Não lembra a ninguém...  
Haverá cartaz para tão grande título?  
E se nós o aorescentassemos um pedacinho:  
«...e que vinha com o cabaz das compras vazio, porque estava tudo muito caro...»  
Não ha direito!

«S HORAS em balão» vai singrando no T. N.... enquanto o «Tigre da Bengala» dorme a sono solto, antes de aparecer ao publico.

Quanto mais não seja, este adiantamento da «première» do «Tigre» traz-nos a certeza de que quando se representar já os artistas devem saber os papeis de traz para deante...

... AGORA por isso...  
O Parque Mayer anuncia que na Explanada Egipcia se vão representar revistas em miniatura... em genero «chico».

A segunda tem o sugestivo titulo «De traz da orelha»...  
Fazemos desde já uma pequena ideia do que seja, em todos os sentidos, a revista «De traz da orelha».

A. de O. e L. D. lá andam pela provincia a cantar. Por outro lado andam o A. da C. e a L. S.... No Brasil está a A. R. C. Isto é, alguns dos primeiros estão fora de Lisboa...

Quando regressam?  
O teatro ha de voltar ao que foi... Já o P. de B. A. diz:

«Afigura-se-nos que vai já findando, para o cinema, o tempo das vacas gordas. O publico apaixonou-se violentamente pela scena muda; mas, como é geralmente destino das paixões violentas, começa a passar-lhe a febre... Hoje já pensa duas vezes, antes de decidir-se a entrar numa sala obscura; confronta programas; indaga dos artistas; colhe informações.»

Artistas, saibam esperar... que o mundo dá muita volta!...  
Ha dias, num dos nossos melhores cinemas, houve pateada e assobios... a uma fita que vinha sendo reclamada com estrondo...  
Artistas, saibam esperar...

A. da C., que continua de terra em terra — ha três meses que dura a «dournée» — é já falado e cantado nos jornais alemães...

O «Berliner Barzen Courier» escreve o seguinte, referindo-se áquele artista:

«O maior actor portuguez, Alves da Cunha, interpreta no Teatro Nacional uma peça do poeta espanhol Julio de Hoyos, que dramatizou uma novela de Miguel de Unamuno. O título da peça é «Um homem».

O desempenho deste homem, por Alves da Cunha, demonstra que não é só o maior actor de Portugal, mas provavelmente um dos maiores da Europa. Tem uma voz como a de Basserman, uma presença de scena como a de...

Esta comparação sumaria é simplista porque nos palcos alemães raras vezes se apresenta uma personalidade de actor tão sumariamente uniforme.»



**A actriz que melhor canta o fado — o fado portuguez — que hoje é conhecido por esse mundo fóra, atravez dos numerosos discos que tem gravado.**

**Ha até quem lhe chame — A senhora da buena «disca».**

Este artigo é assinado por: **Thoma Schlichtkrull**

Ora toma, A. da C.... Alambazato com esse elogio!...  
O citado artigo termina desta maneira:

«Como a gente se quer divertir e fazer visitas, os teatros dão-nos intervalos...  
«Do que gostei mais, foi dos intervalos... Que bom, tão compridos!... Ao menos, durante eles, não se via representar mal.»

Até que enfim se sabe o que vem matando o teatro: os intervalos.  
Realmente, isto é bem observado e honros de concordar que é verdade...

Ha por vezes quem critique desta maneira a peça que se representa:  
— Do que gostei mais, foi dos intervalos... Que bom, tão compridos!... Ao menos, durante eles, não se via representar mal.  
Não é este o caso da peça «Um homem» nem da companhia de A. da C. Mas lembrou-nos isto a proposito...

ENCONTRAMOS no Diário de Notícias...

Precisa-se dum, com boa apresentação, mas que use cabelo de Garçonnc. E' para um Buick, ul-

timo modelo. Trata-se no T. da F. das 8 e 45 ás 12 e 30.»

Comentario do nosso amigo: — Queres que te ponha os pontos nos ii?...

N. F., que «afaleceu» numa noite da semana passada, «botou fala» na noite seguinte, no jantar do C. A. Todos esperavam um discurso gracioso, daqueles que se julgava que o N. F. era capaz de fazer...

Verificou-se, depois do discurso, que o N. F. ainda estava «morto»...  
A graça havia-lhe ficado caída na Avenida, ao lado dos restos do automovel...  
Foi uma desilusão...

ESTA sanado o mal-entendido que houve no T. M. V. — prestes a reabrir — com o compositor C. de O. Já deixa tocar a partitura... mas com três numeros do seu colega V. de M.

Ainda bem... que sejam muito amigos, é o que desejamos!

A SEMANA que passou foi a mais...

Qual o motivo porque se homenageia, com fantares, o caracter, a intelligencia, as qualidades, o talento,

etc... e se não ha de «não homenagear» a mediocridade, a estupidez, a maldade e a falta de vergonha tambem num banquete?

Não haverá alguem com odio suficiente, que juntasse de roda duma mesa, vinte ou trinta pessoas? Deve haver e estamos certos de que não era difficil encontrar...

Se este alvitre for aceite, havemos de lêr nos jornais, do dia seguinte ao repasto, a seguinte...

«...lavares, o banquete de «não homenagem» a Fulano. O lugar do «não homenageado», como é natural, estava vazio. No final, pronunciaram-se alguns discursos de critica severa e insultuosa ao «não homenageado», que, é claro, não respondeu...  
Entre a correspondencia recebida, havia a seguinte carta do senhor Cirano:

«Impossivel comparecer. Espero que digam tudo quanto sentem sobre esse bandido a quem hoje se presta uma «não homenagem». Insultem-no bastante, digam-lhe as verdades... Aproveitem a ocasião de ele ar...»

Os leitores devem concordar que esta ideia não é desaproveitavel. Vamos promover um banquete de «não homenagem», para ver o que dá?

A quem ha de ser?  
Ha por aí muitos que o merecem... Deixamos ao publico a primazia de nos indicar o primeiro nome...

QUE «charivari» na «Cova da Piedade»... Imaginem que o «Tigre da Bengala», que estava a «Chá de Parreira» e que devia ir para a «Exposição de Sevilha» com o «Az de football», foi parar a casa da «Rosa Engatada»...  
«Manda quem pode»... e é bem verdade...

DIZ-SE que o C. P. inaugura o Odéon com uma peça intitulada «Os dois milhões».

Será alusão ao que ganhou na ultima «dournée» ao Brasil ou ao que ele vai ganhar com essa peça de estreia...  
Cá por coisas, desejavamos ardentemente que fosse pela ultima hipotese...  
Depois se saberá porquê...

ONDE se meteram os «acólós» de teatro, ha um mês a esta parte?

O que farão toda a noite?  
A's saídas das caixas ainda se encontram alguns... mas raros. Os que aparecem tem cara de poucos amigos.

Porque seria essa fuga tão repentina?  
A quem a atribuir?  
Houve alguem que cantou á guitarra esta parodia ao «Fado da Severa»:

Choral, artistas, choral,  
Que os «acólós» já morreram.  
«Cólós» como os que havia  
P'ra sempre desap'ceram...

E' a chamada quadra mal feita, mas dá o que se pretende... E' dum poeta novo a revisteiro em porta...

ESTIVERAM a funcionar a semana...

**O Homem das 5 horas**



## Verso e reverso



UMA

DUAS

As sciencias exactas  
são inexactas

Ontem, vendo-me alguém trabalhar  
com as bases de Cohen, disse-me:

— V., que conhece cálculo, diga-me:  
um muro que pode ser construído em  
12 horas por um pedreiro, pode ser  
construído numa hora por 12 pedrei-  
ros?

— Absolutamente.

— Em meia hora por 24?

— Com certeza.

— Num quarto de hora por 48 pe-  
dreiros?

— Sem duvida nenhuma.

— Então, seguindo esse raciocínio,  
eram necessários 16.576 pedreiros pa-  
ra construir esse muro num segundo  
e meio?

— Está claro.

— E isso é possível?

— Possível, não, mas exacto, sim.

— Neste caso, que tempo é preciso  
a um regimento de 3.000 homens pa-  
ra chegar do Terreiro do Paço ao  
Largo Afonso de Albuquerque em Be-  
lem, quando um cabo e três solda-  
dos fazem esse percurso em 3 horas? Ou  
então, e nestas condições, que tempo  
seria preciso a um só músico para  
executar a ópera «Aida» que uma or-  
questra de 50 músicos e um maes-  
tro executam em 4 horas?

**Quer a sorte grande?**  
Habilite-se na tabacaria MADRID  
Rua do Mundo, 115

A dor que tu tens na côxa  
Nas ventas tem a raiz:

Vai depressa ao donostiarra  
Pra que te arrombe o nariz.

## DOUTOR ASUERO



(Do «Gutierrez»)

## O "Sempre fixe" miudinho

Para os pequeninos

## O barão e o cartão

Havia um Barão  
Da Associação  
Que queria um cartão,  
Tão balalão.

E do campo á porta punha,  
Em dias de casa á cunha,  
Cavalaria da Guarda  
E policia de espingarda,  
Para então  
Exigir o tal cartão.

Entra um pobre jornalista  
E mostra o seu cartõesinho.  
Diz o porteiro, fadista:  
«— Espere aí um bocadinho!»  
E então  
Vem Barão  
E papa o cartão.

Desconfio que a apreensão  
É mania do Barão  
Para fazer colecção.  
Mas olha, meu caro amigo,  
Escuta bem aquilo que eu digo:  
E dos jornalistas zombas,  
Se não é tua mania  
Apanharás qualquer dia  
Co'os cartões nas trombas.

Zé Maria.

**Sortes grandes?**  
só o PINA se tendo  
75 - Rua de S. Paulo - 77

## As adivinhas do "Diario de Lisboa,"





# Os cães e o fado



**MENANO**

**ARMANDO CAMARA RODRIGUES**

**RUY COELHO**

## BOM HUMOR

A filha telefona á mãe ás quatro horas da manhã:

— Olha, mamá. Estou apouquentíssima.

— Porquê?

— O João está doente e o médico receitou-lhe um remédio que ele havia de tomar ás três e meia.

— E depois...

— E' que ele está a dormir. Devo acordá-lo?

— Mas que doença é a dele?

— Insomnias.

\*\*\*

Um policia para um bebedo em dia de sexta-feira santa:

— Então o senhor não tem vergonha de estar hoje neste estado vergonhoso?!

— Que quere?! Morreu hoje a minha sogra e isso não succede todos os dias á gente.

\*\*\*

— Estou desgostosa. Mandei uma consulta para uma secção de grafologia e mandaram-me uma resposta que me desagradou.

— ?!...

— Que, visto o h que eu puz na palavra elegante... se adivinha que eu nunca fui ao colegio.

\*\*\*

O professor: — Sim, Joãozinho, o teu exercicio está muito bem. Mas... é palavra por palavra exactamente o que fez o Ernesto. Que dizes tu desta coincidência?

Joãozinho: — Muito simples. Que o exercicio de Ernesto tambem está muito bem...

## SANTO ANTONIO



O cravo que tens na bôca Tem raizes na garganta.

— Hei-de arrancá-lo com beijos á hora que o galo canta...

## Elevador da Gloria

Ninguem frequentava aquelle café. De sorte que ele estava sempre deserto, mais deserto que o Sahara.

O dono matava-se por conseguir freguesia, mas todos os seus esforços foram baldados.

Um dia, porém, abriu-se a porta do café e entrou um sujeito. O criado, solícito, antes do tal individuo se sentar, aproximou-se:

— V. Ex.<sup>a</sup> dirá...

— Viu entrar aqui um sujeito alto, de fato negro e oculos?

— Não, senhor.

— Bem. Então se vier... faça favor de dizer-lhe que o espero a tomar cerveja no café ali da esquina.

\*\*\*

A policia em França, no reinado de Carlos X, não tinha a estima do povo porque os agentes eram, em geral, recrutados entre os condenados. E tanto assim foi que, ao famoso Vidocq, antigo forçado, coube em 1817 a organização da brigada de segurança, onde, é claro, ele colocou a gente da sua categoria.

A imprensa de então fez reparos ao facto. E um jornal do partido democratico — *Le Bon Sens* — publicou, a proposito, uns versos a que deu o titulo «Petição dum ladrão a Sua Magestade» e que começavam assim:

*«Sire, de grâce, écoutez-moi,  
Sire, je reviens des galères,  
Je suis voleur, vous êtes roi  
C'est à peu près la même affaire...»*

O autor dos versos, um tal George Lacenaire, não foi grande como poeta. Foi-o, todavia, como criminoso porque, cinco anos mais tarde, morria guilhotinado.

## As adivinhas do "Diario de Lisboa,"



30ª



31ª

O bebado: — Esta gaja não acaba de vomitar! Chegou-lhe do branco a valer!



32ª

Já vem que não lhes mol... Paciencia para me



## Um rapaz de palavra

Certo patrão por demais saturado já de empregados que tinham o terrível defeito de se cortar, apesar de não haver na loja grande abundância de instrumentos cortantes, e cada vez mais alarmado com os roubos que varios empregados lhe haviam dado na caixa ou nas fazendas existentes, já não contratava nenhum sem o submeter a um rigoroso inquerito, sem tirar informações minuciosamente detalhadas, sem os obrigar a um compromisso formal e categorico de que respeitariam integralmente os seus haveres comerciais.

Mas, apesar de todas as cautelas, de todas estas cuidadosas precauções e de tão sabias providencias, descobriu mais uma vez que o actual empregado tinha redondamente falto ao prometido, pois que certa mercadoria valiosa desaparecia rapidamente, se derretia como manteiga, sem que o seu valor se encontrasse na gaveta.

Depois de rigoroso inquerito, apurou o caso e constatou que o empregado seguia o exemplo dos seus antecessores. Chamou-o, para o despedir, demonstrou-lhe a evidencia do seu delito e, não se podendo conter sem o admoestar com aspereza pela sua falta de palavra, gritou numa tremenda indignação:

—E eu que confiei em você, na sua palavra! Quando o ajustei, garanti-me, jurou-me por tudo que um alfinete que encontrasse no estabelecimento m'o entregaria e afinal...

—E' certo. Eu garanti que entregava os alfinetes — confirmou o empregado — mas não me responsabilizei pelo resto...

## Frei Tomaz...

Certa pequena, que eu sei que é toda graciosidade e muita vez encontrei pelos olhos de caridade, foi ha dias p'ra comigo — sem ter nenhuma razão — visto que a não conheço — duma atrás incorrecção!

Tive um espanto colossal ante resposta tão má, mas pensei que em caso tal não era falta de chá, visto que a moça em questão de tal não era capaz, nem de chá tem precisão, pois passa a vida por achás...

Mas alguém me veio explicar que p'lo seu bom coração gosta de os organizar... — está sempre na comissão! E na resposta que dá tudo agora se percebe! — E' ela quem serve o achás... Serve... aos outros! Mas não bebel...

A. Nazaré.



— O cocheiro da diligencia: — Em que classe viaja o senhor?  
— Viajante: — Mas se não ha senão uma classe...

— Isso julga você. Ao chegar a uma subida os de primeira ficam no coche, os de segunda vão a pé, e os de terceira descem e puxam.

# Uma resposta comprometedora

Não havia lá na freguesia moça mais airosa nem mais estúpida que a Maria Alice. A genio da terra orgulhava-se de a ter por patricia, ao mesmo tempo que se arripiava com a falta de inteligencia da rapariga.

Todavia, porque ela era bonita, lá a iam suportando e não faltava até quem, tão estúpido como ela, a cortejasse.

Filha duma modestissima familia, quando chegou aos dezoito anos começou a olhar demasiadamente os espelhos e a convencer-se da sua beleza. De sorte que, tendo aparecido lá no burgo uma senhora de Lisboa, que á capital traçou os melhores elogios — a Maria Alice, moça airosa e mais estúpida que um municipal, começou a alimentar o desejo de vir para Lisboa.

Decorreram meses, e um dia, metida numa carruagem de 3.ª, a Maria Alice chegou á estação do Rossio.

Não cabe aqui dizer do espanto da moça. Apenas que, no dia seguinte, Maria Alice entrava como criada para casa dum amantissimo dum dos ministros do descaço.

A vida começou a correr bem. A moça cresceu, engordou e... pouco tempo depois entrava para casa dum 2.º official doutro ministerio, com a mesma simpática e agradável categoria de criada.

Depois, o menino da casa — um matulão de monoculo — comeu-lhe os olhos com beijos e de tal forma que o pai se viu na necessidade de despedir a Maria.

E ela continuou a subir: foi para casa dum 1.º official, um velhote atarracado que não tardou em deixar de pagar-lhe o ordenado, com a promessa duma serventia vitalicia.

Uma noite, porém, farto da estupididade da mulher, o funcionario resolveu aposentá-la. E a Maria Alice, já senhora, saiu daquela casa alugando uma outra, no Conde de Redondo.

Lisboa passou a vê-la todos os dias nos chás, nas premières dos teatros, nos cinemas chics.

O certo é que, se ela subira bastan-

te na colação de muita gente, baixara mais ainda...

Sabia dizer «chatico», «tipo», «deso» e outros vocabulos do dicionario calão. Dizia-o com tal graça que, sendo uma pessoa muito dada, não faltava quem lhe pagasse champagne e vestidos para lhe ouvir estes primores.

Comtudo, a sua estupididade continuava, apesar de, bastas vezes, pretender dar provas de cultura e inteligencia.

\*\*\*

Uma vez, estava Maria Alice em casa com um grupo de raparigas chics e alguns pequenos de calça de balão. A criada, aflita, veio preveni-la que no quintal andavam gatunos. Todos se levantaram e, tendo cabido á Maria Alice a honra de o descobrir, gritou para os companheiros: — *Eccc homo!*

O gatuno... era uma mulher!

\*\*\*

Outra vez, disse-lhe alguém: — Você está linda... Está afrodisiaca!...

— Ha uns poucos de dias — retorquiu ela — que ando assim. Não sei o que é isto... Ando doentel!

— Oh! minha filha, você, com essa resposta, merece que lhe atire com a frase de Cambroune para os ingleses, na batalha de Waterloo.

— Diga — pediu ela.

E o Chico disse-lhe ao ouvido a agraciada.

Dias passados, a Maria Alice, que andava morta por mostrar a sua erudição, zangou-se com um velho amigo e, a certa altura, disse:

— O que tu precisavas é que te dissesse o que Cambroune disse aos ingleses...

— Mas diz...

— Não! Não merece a pena...

— Mas diz, anda. Não te recordas do que foi...

— Recordo... Recordo... Tenho mesmo a resposta aqui debaixo da lingua...

## Caixa de Previdencia...



— Fizeste bem em trazer a caixa do violino, assim podemos levar dois bacalhaus sem ele dar por isso.

## Que tal?!

Bernardo de Lima e Melo Lacelar, ou melhor, Fr. Bernardo de Jesus Maria, foi autor de varias obras, entre ellas, o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, que é um modelo.

Dum almanaque de lembranças de 1885 arrancamos estas definições de vocabulos contidos no tal dicionario:

*Abdomen*, parte do umbigo.  
*Bilha*, vaso que faz o som de bil bil no vasar.

*Bisugo*, peixe a que sugam duas vezes a gostosa cabeça.

*Busso*, fundo do nariz com pelinhos.

*Cabra*, animal de pelo.

*Cachaço*, caixa dos miolos.

*Carneiro*, ovelha macha.

*Caracol*, peixe glutinoso ou anfibio, de curva ou espiral figura.

*Entraz*, leicença que come até matar.

*Espingarda*, arma que deita faisca da pederneta, ou pingas abrazadoras.

*Gazeta*, papel que tem riqueza historica.

*Louro*, cor de papagaio.

*Jeropiga*, santa bebida.

*Macaco*, animal de trejeitos delirantes.

*Murça*, pele de certos ratos nos ombros ecclesiasticos.

*Pia*, vaso de purificar pelo baptismo e de beber o gado.

*Roda*, bola chata.

*Busso*, entre vermelho e negro.

*Sylogismo*, raciocinio sobre duas premissas. V. *Ceroulas*.

*Toca*, cavidade do ventre.

*Tris-tris*, som de vidros quebrados.

*Vertebra*, dobradiça das costelas.

*Vertigem*, rodadura do cerebro.

## Paralísias

«PARIS — Os operarios telegrapho-postais resolveram uma proclamação geral do trabalho.»

(Dos jornais).

Uns operarios, em Paris, iniciam, desesperados, um movimento infeliz. Que é assim como quem diz Que decidem estar parados.

O pessoal está quieto. Mais firme de que uma rocha; A greve tem mau aspecto, E o Governo circumspecto Está perfeitamente a brocha.

Os ministros se consomem E ordenam muito escamados Que asperas medidas se tomem, Mas eles, como um só homem, 'Stão todos paralizados.

Desconhece-se em Paris Que foi descoberta ha dias, Por um acaso feliz, Que uma braza no nariz Acaba as paralísias?

João Fernandes.

## Quereis dinheiro ?

Jogal no

*Lama*

Rua do Amparo, 51 — LISBOA  
Sempre sortes grandes !



— Agora tem voce uma boa sorte que pode pagar um prestissimo durante 30 anos.

— E ao fim dos trinta anos posso vendê-la?

— Sim, se ela não tiver caído.



# Coisas que o povo diz...

quem se pica, alhos come — é um ditado

que eu acho muito mal architectado. Se uma modista de truz se pica no seu trabalho, alguém do caso deduz que comeu alho? Se se pica um sapateiro n'algum prego que está falho, diz por isso algum sendeiro que comeu alho? Se se pica quando põe fôr ao peito um paçalho, alguém por isso supõe que comeu alho? Já vem que é disparate um rifão de tal quilate!...

**Mais vale um toma que dois te dar!** Este também, leitor, não está lá lei. Juntando á palavra o gesto, diz-lhe qualquer: «toma um sóco!» A apostar já me apresto que só se alguém estiver louco, não fará como eu farei, preferindo os dois te darei! Que afinal sabe-se lá se algum dia levará!... E, então, se fôr toma um sóco eu dois contos te darei, não acho muito nem pouco, pelos dois optarei. Mas já se fôr toma um conto ou dois contos te darei... Eu lhes digo, por estar pronto, logo o conto aceitarei. Mas se estivesse abonado (á mentira tenho horror) prefiro os dois. Bem provado se ficar com um penhor! E então se fôr toma um beijo, eu dois beijos te darei, se fôr como é meu desejo dumas boquinhas que eu sei, vou o primeiro aceitando, exijo os dois a seguir e oxala me vão dando os outros que lhes pedir!

**De Espanha não vem bom vento nem também bom casamento!** O vento será funesto mas, quanto á boda, protesto! De protestar também só não tem gana quem não se extasiou na graça duma sevillhana, ou não admirou da catalã o porte donairoso, da castelhana o fogo do olhar, da galega esse rôsto tão formoso, da aragonesa o doce gorgear ou ainda o «salero» da andaluza! E de mais não citar vos peço escusa!

**Fia-te na Virgem não corras, té o trambulhão que apanhas**

Por bem pouco que discorras, deste vês as artimanhas! Pois não se está mesmo a ver que é mais facil apanhar um trambulhão a correr do que andando devagar?!

El.



— Onde está teu pai, Marcelina?  
— Na pocilga, com os porcos. Quere que a acompanhe?  
— Está só?  
— Sim, senhor.  
— Não te encomodes, pequena, porque a pocilga já sei onde é o o teu pai já o conheço.

## Historia muda



Um nariz inesperado

# Uma noite com um maluco

Conhecia este rapaz desde pequeno. Ele mesmo era dos que falava a meia Lisboa. No Chiado, nos cafes, nos jornais, nas lojas, e em festas de de caridade, ia apparecia ele com a sua voz ensurdecedora e a sua atelha. Succedeu-me nessa noite encontrá-lo no Rossio absolutamente normal, e como eu tinha uma friza de borla, que tinham impingido á minha familia, convidei-o para ir ao teatro. Eis ficilmente reproduzidas todas as fizes que ele teve nessa noite. Até nos instalarmos na friza, continuava bem, mas de repente começou a dizer em voz alta tudo o que lhe passava pela cabeça. Levantou-se o pano. O protagonista representava um homem de sociedade. Sentado a uma mesa, lia uma carta, comentando os seus termos. O meu companheiro disse numa voz bastante alta: — Este actor é uma besta. O seu pensamento estava tão pouco ligado ao do actor que, quando a mulher do magistrado se pôs a soluçar, lamentando a sua culpa, ele disse simplesmente: — Braços gordos. E pouco depois: — Rapa os sovacos. Instantes depois, seguindo o seu pensamento, disse, olhando para a criada: — Rapa os sovacos. Um grito de senhora fixou-o de novo na peça. Tinham anunciado a mulher do magistrado que ia tornar a ver o filho, e ela gritava: «Que entre, que entre!» O meu companheiro deu um gemido tão alarmante por causa da scena inevitavel que se ia seguir, que desta vez varios espectadores se voltaram. Incomodado com a figura ridicula que ele estava fazendo, disse-lhe: — Está calor. Esta peça é uma maçada. Anda tudo ao bufete. Ele não fez a menor objecção. Enquanto durava o acto, o bufete estava quasi deserto. Um cavalheiro correcto e digno estava três mesas adiante de nós. O camarada olhou-o e disse:

— Aquele tipo deve cheirar mal. E em voz mais alta ainda: — E vamos partir a cara. Mas como o homem não nos caisse em cima, disse logo: — O atipico frizado! O cavalheiro, desta vez, saiu da sua reserva e disse, olhando o meu companheiro: — Já vai ver se me fico, seu parvo! Ele ouviu e disse numa voz um pouco menos alta, sempre calmo: — Este tipo está zangado e tem razão. O cavalheiro, não querendo discussões, pagou o café e retirou-se. Eu esperava qualquer comentario a respeito deste incidente, mas o seu pensamento era já outro. Olhava para a mulher da caixa e, sempre alto, disse: — Boa mulher! Depois, designando o criado, continuou: — Não julgues que ele nos vai dizer qualquer coisa. Um homem em cabelo e de guarda-napo no braço passou proximo, e ele logo: — E' o patrão. O patrão disse-me ao ouvido: — E' melhor irem-se embora porque o seu amigo não está em estado normal. Já tinha pago as cervejas e saímos. Na rua olhou para um policia e disse: — Não quero ir dizer áquele policia que é uma besta; ele era capaz de julgar que era brincadeira. — Bem — disse-lhe eu — vou pôr-te em casa. E metemo-nos num taxi. Conservou-se calado até á porta. A criada abriu-nos a porta. Era uma mulher de meia idade e de aspecto decente. O meu companheiro olhou-a e disse: — Boa noite, Maria. E logo para mim: — Fica, tomas um «Madeiras». Mas a criada disse, autoritaria: — O menino tem que se deitar. E ele seguiu-a sem se despedir de mim. Nunca mais o vi. Naturalmente, a familia internou-o. Tanto melhor.

Anão Amarelo.



— Então como se explica isto? Ainda o ano passado te concertei a bilha e já a tornaste a partir?!

# Cronica dos tribunais

**Na Boa Hora:**  
Responde um tratador de gado, acusado do crime de negligencia. O juiz interrogando o queixoso: — O réu esteve muito tempo ao seu serviço? — Apesar de ser imbecil e estúpido, ainda o tive ao meu serviço 35 anos. — Era amigo dos animais? — Tratava com tal zelo as rezes e tão bem se desempenhava da sua missão que os bois de dia para dia cresciam a olhos vistos. — Mas como explica o facto de eu permitir que um dos animais partisse uma haste? — Um dia, um dos melhores animais mais que eu tinha, lindo e lazado, docil como uma criança, espantou-se e, numa carreira vertiginosa, galgou montes, subiu vales, em direcção a serra, onde foi esbarrar com um pinheiro, que lhe ocasionou a perda de uma haste, sr. juiz. — Depois? — Foram-me chamar a casa e eu fui buscar a haste e levei-o ao sr. administrador para mandar prender o réu. O juiz, dirigindo-se ao réu: — Ouviu o que disse o queixoso? Quer dizer alguma coisa? — *Entan nam haveria de crer!* — Diga lá então isso depressa... — *Entan cá vai com licença de sior juize... O sior juize imagine que o mè patrão é boi, levam-no ao pasto, nisto pica-lhe a mosca maldeita, vai de esgalha em esgalha com a maie que o vomitara, parte uma haste, quem ei que a paga, sior juize?*

Responde um homem acusado de agredir outro. As testemunhas de accusação são fulminantes contra o réu. A ultima testemunha é um homem alto, forte, de grandes bigodes, tipo de atleta. Diz-se chamar Manoel II. O advogado C. P., querendo desmoralizar a testemunha, pergunta-lhe: — Chama-se Manoel II. — Aqui e em toda a parte! — E' porque eu só conheço os reis D. Manoel I e II... — A testemunha, muito calma, responde: — Tenho bastante pena que V. Ex.<sup>a</sup> conheça tão pouco... Pois eu conheço o rei Manoel III. de Italia.

Um individuo é acusado de não querer casar com uma pequena a quem prometera casamento. Algumas testemunhas pretendem demonstrar que a queixosa era muito namorada. O juiz: — Conheceu-lhe alguns namoros antes do réu? — Eu já lhe conheci um guarda republicano, um russo e um padreiro. O delegado: — Quere dizer, ela namorou um republicano, um bolchevista e um independente.



— Ora, eu consolo-me com a ideia de que Deus dá o frio conforme a roupa.



# ECOS DA SEMANA

## em Paris

A SEMANA DO CRAVANGO



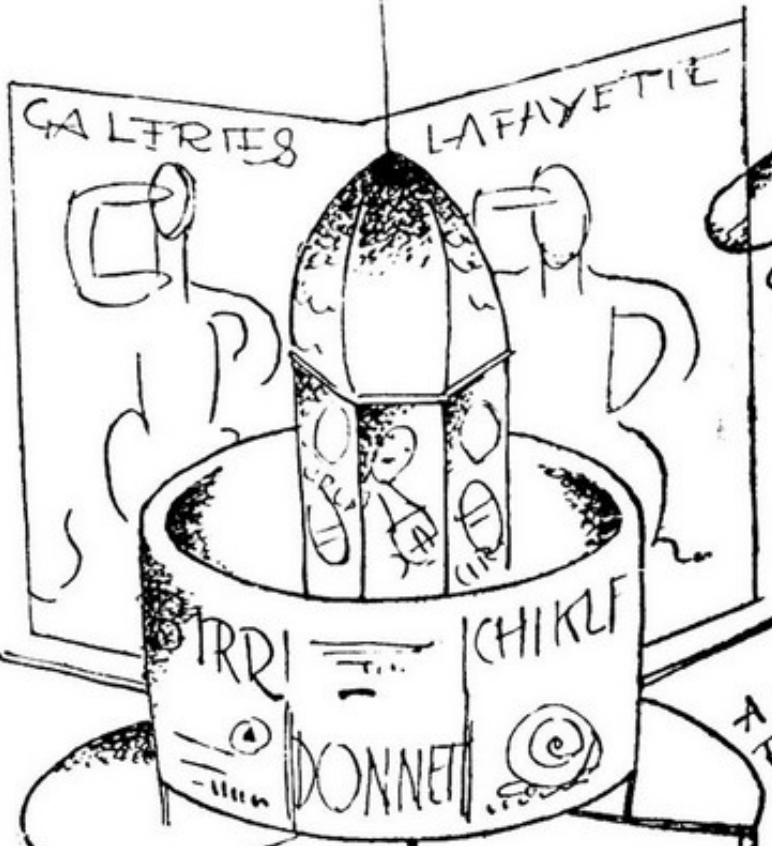
CA'E LA' MAS FADAS HA... MAS MENOS TEIMOSAS QUE AS NOSSAS...

DES VANTAGENS DO FOR MATO DO PAO FRANCÉS



COM A VANTAGEM SOBRE O NOSSO DE SER MAIS BEM COSIDO

EM "VERSAILLES" HA UM SALA COM QUADROS DE TODAS AS BATALHAS... MAS A DO BU-SACO COM ELA.



A ONDA DO RECLAME JA' MIJA POR TODOS OS LADOS.

COMO SE BEIJA EM PARIS

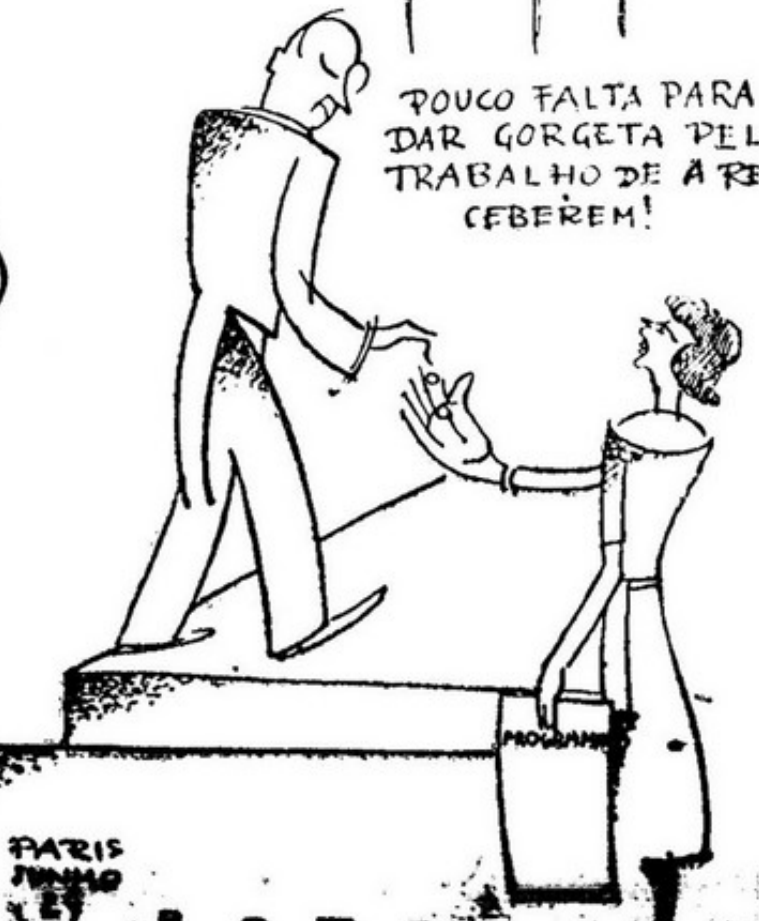


NOS JARDINS NO "METRO" DESDE NO W.C. ATE' MENINOS DA EPOCA.



TEATR CASIA

POUCO FALTA PARA DAR GORGETA PELO TRABALHO DE A RE-CEBEREM!



PARIS HOTEL